



GUIA PARA ORGANIZAÇÃO DE ACERVO FOTOGRÁFICO PARA O REGISTRO DE MEMÓRIAS NA EPT

Camila Ramalho Modena

Liliane Madruga Prestes

Maria Augusta Martiarena de Oliveira



Autoria: Camila Ramalho Modena
Liliane Madruga Prestes
Maria Augusta Martiarena de Oliveira

Diagramação e arte final: Camila Ramalho Modena

Ferramenta: <http://www.canva.com/>

Imagens: Plataforma Canva for Education

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M689g Modena, Camila Ramalho

Guia para organização de acervo fotográfico para o registro de memórias em EPT [recurso eletrônico] / Camila Ramalho Modena, Liliane Madruga Prestes, Maria Augusta Martiarena de Oliveira – 1. ed. - Porto Alegre: 2021.

1 arquivo em PDF (64p).

ISBN 978-65-5950-027-7 (Livro digital)

Produto educacional elaborado a partir da dissertação intitulada: Um zoom sobre a ept! Preservando memórias no ensino, pesquisa e extensão através da produção de acervos fotográficos digitais. (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). - IFRS, Campus Porto Alegre, RS, 2021.

1. Educação. 2. Ensino profissional. 3. Fotografia - Técnicas digitais. 4. Memória. 5. Preservação digital. I. Prestes, Liliane Madruga. II. Oliveira, Maria Augusta Martiarena de. III. Título.

CDU(online): 377:77

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira CRB10/1933

ÍNDICE

- 4** APRESENTAÇÃO
- 7** UM ZOOM NA TRAJETÓRIA DA REDE FEDERAL DE EPT
- 13** DO DAGUERREÓTIPO À FOTOGRAFIA DIGITAL
- 26** PREPARANDO AS LENTES
- 41** REVELANDO AS DESCOBERTAS
- 48** MEMÓRIAS DA EPT (RE)PRODUZIDAS EM ACERVOS DIGITAIS
- 57** GLOSSÁRIO
- 62** PARA RELEMBRAR

APRESENTAÇÃO

"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos.

E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!"

Eduardo Galeano, 2002.

Escolhemos o texto de Galeano (2002) para apresentarmos este Guia, o qual é fruto da pesquisa desenvolvida no decorrer do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre. Para tanto, o foco do estudo foi investigar quais as potencialidades da fotografia enquanto ferramenta de ensino e para a preservação de nossas memórias individuais e coletivas, em particular, a partir do estudo realizado no contexto da educação profissional.

Para início de conversa, partimos do entendimento de que cada fotografia carrega em seu bojo um mar de memórias, ou seja, cada cena capturada pelas lentes revela muito além do olhar de quem as produziu. Ao capturarem o tempo registrado numa fração de segundos, a interpretação de cada fotografia é realizada a partir de diferentes ângulos, múltiplos olhares e interpretações de uma mesma realidade. Portanto, cada fotografia carrega consigo memórias, cheiros, sons, histórias, as quais extrapolam o que é captado pelas lentes.

Com o advento de novas tecnologias para a produção e armazenamento de imagens, o ato de fotografar faz parte do cotidiano de crianças, jovens e adultos em diferentes contextos. Todavia, se antes as fotografias eram guardadas em álbuns ou numa caixinha no fundo de um armário, atualmente com o surgimento de novas tecnologias, ocupam espaços na memória de computadores, aparelhos de tecnologia, celular e em arquivos digitais (armazenamento em nuvem, emails, etc.).

Ao propormos uma analogia ao menino descrito por Galeano (2002) com o cenário atual, nos deparamos com um mar de imagens produzidas a partir da popularização da fotografia com o surgimento de câmeras acopladas em aparelhos de telefonia móvel. Diante deste mar de imagens, somos desafiados a ampliarmos nossos horizontes de pesquisa sobre as memórias (re)produzidas em cada fotografia. Ao nos deparamos com a proliferação de fotografias digitais, como preservamos tais memórias a partir da organização de acervos digitais?

Diante do acima exposto, reportamos novamente ao poema de Galeano (2002), no qual o menino ao se deparar com o mar dirige-se ao pai solicitando ajuda para olhar a imensidão do horizonte. Relacionado com a pesquisa, assim como ocorreu com o menino, ao nos deparamos diante do mar de fotografias que inundam o nosso cotidiano buscamos aprofundar os estudos sobre o tema. Os dados produzidos foram compilados no presente Guia, o qual para além de apresentar subsídios teóricos e metodológicos, consiste num convite para que você, enquanto leitor/a, embarque conosco na história da fotografia até os dias atuais, ampliando seus horizontes acerca de tal temática. Ao longo do percurso, compartilhamos sugestões para a organização e preservação de acervos digitais de fotografias, visando tanto o ensino quanto a preservação da memória em instituições escolares e/ou não-escolares.

Apesar desse Guia ser produzido em uma pesquisa no contexto da EPT ele não se resume a ela, considerando que a fotografia faz parte do cotidiano de crianças, jovens e adultos, ressaltamos que este Guia poderá ser utilizado para criação de acervos individuais e para diferentes instituições escolares ou não-escolares. Dito isso, prepare suas lentes, amplie o zoom e embarque conosco no universo da fotografia, preservando nossas memórias individuais e/ou coletivas por intermédio da organização e manutenção de acervos digitais.

Referência

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2002. 9^a. Ed.270p.

UM ZOOM NA TRAJETÓRIA DA REDE FEDERAL DE EPT

CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO

A centenária história da educação profissional, como hoje é denominada, surge no Brasil como um aspecto da dualidade educacional e caráter assistencialista da educação profissional brasileira, que possui raízes na divisão social do trabalho estabelecidas através dos elementos históricos e culturais oriundos do colonialismo escravocrata que difundiu a divisão do trabalho entre manual e intelectual. Desta forma, podemos perceber na legislação educacional o reflexo da dualidade contida nas relações sociais, e com isso a diferenciação entre a educação profissional e a educação acadêmica.

Ainda que no Brasil colonial existissem artífices, mecânicos e tecelões que transmitiam seus conhecimentos de modo simples e assistemático, segundo Ramos (2011, p.3), até o século XIX não temos uma educação profissional organizada de forma sistêmica no Brasil, o que havia nessa época era uma educação propedêutica destinada aos filhos da classe dominante.

Os primeiros indícios das origens da educação profissional surgem a partir de 1809 com a criação do Colégio das Fábricas, pelo Príncipe Regente, futuro D. João VI (BRASIL, 1999) com o objetivo de preparar mão de obra para as fábricas. Ao longo do Século XIX foram criadas instituições com o intuito de ensinar as primeiras letras e a iniciação de ofícios com caráter assistencialista, dentre elas, os Asilos da Infância dos Meninos Desvalidos.

“

Já após a Independência, em 1826, surgiu a primeira lei sobre o ensino de ofícios no Brasil e, em 1832, é instituído através de decreto imperial o ensino de ofícios nos Arsenais da Marinha e de Guerra (TOMÉ, 2012, p.4).

”

ESCOLA DE APRENDIZES E ARTÍFICES

No século XX o ensino profissional manteve o caráter assistencialista do período anterior, podemos verificar isto com a criação da Escola de Aprendizes e Artífices no qual está fortemente ligada ao processo de urbanização e de controle social, pois buscou-se a construção de uma sociedade do trabalho fundamentada na disciplinarização, a fim de minimizar a possível desordem social através do ensinamento de ofícios e da ética do trabalho difundida pela classe dominante. Entretanto, o desenvolvimento de conhecimentos e saberes profissionais em níveis de maior complexidade era destinado a minoria dos trabalhadores.

DOS LICEUS INDUSTRIAIS AS ESCOLAS TÉCNICAS FEDERAIS

O crescente processo de industrialização no país demandou cada vez mais por qualificação da mão de obra, o que exigiu um posicionamento do Estado frente a essa nova necessidade. Em 1937, a Lei nº 378 transformou as Escolas de Aprendizes e Artífices em Liceus Industriais a fim de suprir as necessidades do mercado. Em 1942 o Decreto-lei 4.127 transformou os Liceus Industriais em Escolas Industriais e Técnicas, que passaram a ofertar cursos técnicos e cursos pedagógicos. Contudo, em 1959 as Escolas Industriais e Técnicas foram transformadas em autarquias, com autonomia didática e de gestão, passando a chamar-se de Escolas Técnicas Federais.

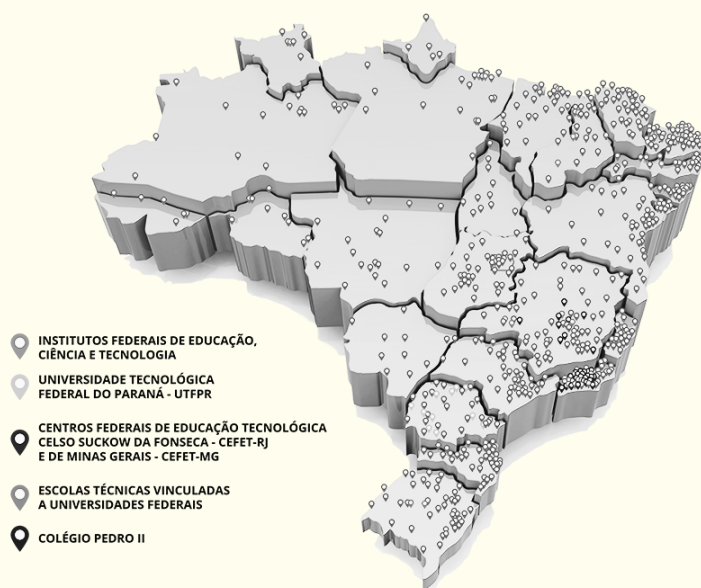
A concepção tecnicista de educação teve seu auge na década de 1970 a partir da aprovação da Lei nº 5.692/71, concomitantemente com o período da expansão da industrialização no país. Até então, a baixa escolaridade dos trabalhadores não impactava o funcionamento das empresas, todavia diante das novas tecnologias de produção houve a necessidade de maior qualificação dos trabalhadores. Cabe ressaltar que até o início da década de 1980, a formação dos jovens tinha como foco a geração de mão-de-obra para as demandas do mercado e, para tanto, a escolarização a nível de 2º grau era obrigatoriamente voltada à formação tecnicista, o que foi somente alterado a partir da Lei 7.044/82.

REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) foi instituída pela Lei nº 11.892/2008 e, na atualidade conta com 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), 2 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), o Colégio Pedro II (CPII), 24 Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

A criação da RFEPCT representou um marco importante na busca pela consolidação de uma educação voltada à formação integral, ofertada desde a Educação Básica (cursos técnicos de nível médio integrados, concomitantes ou subsequentes) até a pós-graduação.

Outro fator relevante é o fato de que com a criação dos Institutos Federais e a interiorização das suas unidades houve uma mudança marcante do público que passa a ter a oportunidade de usufruir de uma educação pública e de qualidade, pois apresenta uma nova realidade de acesso à educação em diversos níveis à uma parcela da sociedade que não estava contemplada até o momento.

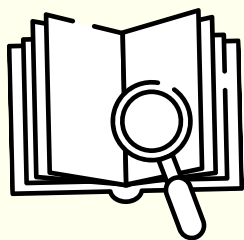


FONTE: Portal do MEC



Além disso, uma das finalidades dos Institutos Federais é contribuir para romper com o dualismo existente na sociedade brasileira entre a elite e a classe trabalhadora mediante a oferta de educação pública, gratuita e de qualidade para todos. Um dos princípios que estabelece a oferta dos cursos nos Institutos Federais é a busca pelo desenvolvimento local e regional na perspectiva da construção da cidadania e da formação integral, preceito fundamental nas ações dos Institutos Federais.

Dessa forma, preservar a história e memória destas instituições permite reafirmar a identidade e fortalecer a busca pela educação integral. As ações para a organização, catalogação e preservação de imagens a fim de serem usadas para a pesquisa histórica são extremamente relevantes na manutenção da memória e da identidade institucional.



Para saber mais:

BRASIL. **Lei nº. 11.892/2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

BRASIL. **Parecer n. 16/99-CEB/CNE.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb016_99.pdf Acesso em 20 de jan. de 2021.

CIAVATTA, Maria & RAMOS, Marise. Ensino médio e educação profissional: dualismo e fragmentação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v.5, n.8, p. 27-41, jan/jun 2011.

SCHIEDECK, Silvia. **A origem de uma nova institucionalidade em EPT:** narrativas e memórias sobre os Institutos Federais. 1ed. Garibaldi - RS. 2019.

SOUZA, Janda. **CATÁLOGO SELETIVO:** a memória da escola que forma para o trabalho. 1. ed. - Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2019.

RAMOS, Marise. História e política da educação profissional. **Coleção Formação Pedagógica.** Volume V. 1º ed. Curitiba. Instituto Federal do Paraná. 2014.

RAMOS, Marise Nogueira. **Educação profissional:** História e legislação. Curitiba: IFPR, 2011.

TOMÉ, Ana Clécia de Abreu. Trabalho e/ou educação: história da educação profissional no Brasil. **Tear Revista de Educação Ciência e Tecnologia.** Canoas. v.1, n.2, 2012.

DO DAGUERREÓTIPO À FOTOGRAFIA DIGITAL

ESTRATÉGIAS DE REGISTROS DE MEMÓRIAS DA EPT

Ao longo da história, diversas pessoas foram agregando conceitos e processos que deram origem à fotografia como a conhecemos. No século XIX, houve uma crescente demanda social por imagens, o que culminou em uma série de experiências. A primeira fotografia reconhecida é uma imagem produzida em 1826 pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, numa placa de estanho coberta com um derivado de petróleo fotossensível chamado Betume da Judéia.



Já a primeira câmera fotográfica surgiu em 1839, criada por Louis Jacques Mandé Daguerre, o daguerreótipo.

“
Proporciona uma representação precisa e fiel da realidade [...] a imagem, além de ser nítida e detalhada, forma-se rapidamente; o procedimento é simples, acessível a todos, permitindo ampla difusão (FABRIS, 2008 p.13).

”

Porém, o daguerreótipo tinha uma limitação, permitia apenas uma cópia da imagem que eram impressas em folhas de cobre revestidas de prata.

O processo fotográfico continuou ao longo do tempo sendo objeto de estudo e experiências a fim de obter melhorias no processo fotográfico e suprir as necessidades por produção de imagens.

O pesquisador inglês Fox Talbot, em 1840, anunciou o calótipo, que consiste na exposição à luz de um negativo em papel com nitrato de prata e ácido gálico, fazendo uso da câmara escura. Esse mecanismo possibilitava a reprodução das imagens. Porém, tinha um custo alto por ter que pagar pelos direitos de uso ao inventor, o que fez com que não se popularizasse.

Em 1888 surgiu a Kodak que revolucionou a fotografia ao desenvolver uma máquina que podia ser transportada e filmes em rolos a preços acessíveis.



Os lambe-lambes, conforme os fotógrafos ambulantes ficaram conhecidos, surgiram no início do século XX, em seu trabalho registraram momentos familiares e a própria cidade ao realizar sua atividade em espaços públicos como praças, parques e jardins. Estes profissionais acompanharam a trajetória histórica-social e as mudanças da cidade, fixando em seu trabalho profissional e na memória as transformações e estabilidades que ocorreram ao longo do tempo.



Estes fotógrafos contribuíram para a popularização do retrato como uma opção de menor custo aos estúdios fotográficos e desta forma possibilitaram a auto representação dos indivíduos retratados. Adquiriram maior prosperidade entre as décadas de 1920 e 1950, no entanto, em decorrência das transformações urbanas e do maior acesso à fotografia, no início dos anos 1970, a atividade de fotógrafos de praça foi aos poucos desaparecendo.

Com o advento das tecnologias, surgiram câmeras fotográficas mais leves e portáteis, o que contribuiu para a difusão e popularização da fotografia. Com o advento da fotografia digital, o ato de fotografar passou a ser comumente utilizado por pessoas de diferentes faixas etárias, visto que na era analógica essa prática era exercida em sua maioria por pessoas adultas e ficava limitada devido aos custos decorrentes dos processos de revelação do filme. Hoje, podemos presenciar a proliferação e ampla divulgação de fotografias em redes sociais.

“Através das diversas transformações tecnológicas ao longo da história da fotografia verificou-se a mudança da relação do fotógrafo com a produção da imagem, tudo pode e deve ser fotografado e, também, o avanço de características como a instantaneidade da fotografia e o compartilhamento da imagem. No ato do clique já se vê a fotografia produzida e pode-se compartilhar a imagem em redes sociais, alcançando um número maior de pessoas em relação à época em que era necessário revelar as fotografias e colocá-las em álbuns para mostrar aos familiares e amigos (FARIAS e GONÇALVES, 2014, p.13).

”

A fotografia nos possibilita alargar a visão do que compreendemos sobre o que denominamos como mundo do trabalho e educação profissional. Logo, ressaltamos a importância bem como a necessidade de aprofundarmos os estudos acerca do uso da fotografia, em particular, nas práticas educativas desenvolvidas no âmbito da educação profissional.

O ato de registrar as cenas e momentos colabora para a construção de memórias, desta forma, a fotografia é um importante elemento de rememoração e reconstrução de memórias, de identidades sociais, coletivas e individuais.

“

o fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza (KOSSOY, 2001, p.155).

”



A fotografia, é um elemento de suporte da criação de realidades e no qual possui uma intencionalidade consciente ou inconsciente, no qual podemos interpretá-la a partir do conceito de Le Goff (1996) de documento/monumento, no qual o autor se refere a uma construção social, e possibilita um olhar crítico revelando os interesses, os usos, as subjetividades que estão contidas nas imagens iconográficas.

“

é importante reconhecer que esta [imagem] se encontra permeada por uma série de construções e intencionalidades, especialmente no que tange a sua produção. Fotografias nascem de necessidades e de interesses. A sua produção está condicionada a seleções e escolhas. São grupos sociais ou pessoas determinadas que as requerem (OLIVEIRA, 2012, p. 38).

”

A fotografia é empregada como ferramenta de difusão de ideias, valores, ideologias e desta forma a desconstrução e a reinterpretação do documento/monumento fotográfico é fundamental para a compreensão dos elementos que compõem o discurso visual e evidenciam as finalidades da sua produção.

Até o início da década de 1990, a obtenção da fotografia demandava horas de exposição à luz e um processo que envolvia revelar e copiar as imagens no qual geralmente eram guardadas em álbuns. Diante disso, a fotografia digital ganhou espaço devido a facilidade no armazenamento e a alta quantidade de fotos que podem ser tiradas, além de poderem ser acessadas imediatamente.





Na atualidade, constatamos que os avanços tecnológicos permitiram a produção e a migração das fotografias produzidas em câmeras fotográficas para diferentes dispositivos como celulares, tablets, drones, webcams, entre outros. Juntamente com estes novos equipamentos surgiram novos meios de difusão desses registros através das redes sociais cada vez mais utilizadas, hoje em segundos, a fotografia é tirada e divulgada para o mundo através da internet.

Devido a essa multiplicidade de artefatos eletrônicos que possuem a capacidade de capturar os registros há a popularização e a democratização, aliados ao menor custos e a eliminação dos processos para obtenção da fotografia analógica (como compra de filme, revelação dos negativos) além da praticidade de obter esses registros por diferentes equipamentos.

Outro aspecto importante é a quantidade de registros que a fotografia digital possibilita, pois com as fotografias analógicas o número de fotos era restrito às poses do filme e a quantidade de filmes que era comprada e a revelação das imagens gerava um alto custo.



A partir da fotografia digital esse número de imagens registradas limita-se apenas à capacidade de armazenagem do cartão de memória que tem capacidade de armazenar milhares de imagens e que podem ser salvas em outros dispositivos para liberar espaço de armazenagem. Observamos que com a popularização dos smartphones o ato de fotografar, devido a facilidade de acesso e manuseio, ocorreu a popularização das imagens registradas a todo instante e divulgadas na Internet.

“

o grande público agradece à tecnologia digital porque é muito mais prática, mais rápida, mais potente, mais barata, mais limpa. Portanto, não é de se estranhar que tenha colonizado com apressada voracidade tanto as mídias quanto o cotidiano (FONTCUBERTA, 2012, p. 62).

”

Na era analógica, o ato de fotografar era quase que exclusivamente reservado aos adultos, utilizada a câmera em momentos específicos e escolhidos com cuidado. Com a fotografia digital essa relação muda. Tudo é fotografável e pode ser compartilhado em diversos sites na Internet, permitindo interação entre diferentes usuários que consomem a produção frenética de imagens e, em outros momentos, também lançam na rede seus próprios registros (FARIAS e GONÇALVES, 2014, p. 9).

Com o advento da fotografia digital, o ato de fotografar passou a fazer parte do cotidiano de crianças, jovens e adultos, nos mais diversos contextos sociais e culturais. Aliado a isso, presenciamos também a proliferação de saberes e práticas que permeiam desde a produção até a organização de acervos digitais, os quais são compartilhados através da internet.

Estes conhecimentos incluem desde o uso de uma linguagem específica (por exemplo, zoom, pixel, entre outros) além de um vasto campo de estudos na área da cultura visual. Como exemplo, citamos a pesquisa desenvolvida por Pereira (2016), a qual cunhou o termo *pedagoselfie* para designar todo um conjunto de saberes e práticas que envolvem a produção da fotografia e, no caso, o autorretrato e imagens corporais produzidas pelas referidas adolescentes. Tal aparato inclui desde a produção (foco, luz, etc.), editoração e armazenamento e compartilhamento das imagens, incluindo a proliferação de sites com dicas e informações.



Diante desse cenário surgem novas demandas para a EPT, que são evidenciadas pela criação de novos cursos como o Curso Técnico em Processos Fotográficos ofertado pelo IFRS - Campus Alvorada, o qual visa oferecer:

uma formação profissional técnica, artística e humanística na área de fotografia, valorizando assim o crescimento cidadão, a capacitação dos indivíduos e sua valorização no mundo do trabalho de forma que os estudantes egressos, tornados profissionais qualificados, possam desenvolver mecanismos de geração de renda e de redução de vulnerabilidade social. Para tanto, o curso conta com componentes de formação em produção cultural e cultura visual, bem como componentes de ordem técnica aplicada a diversos estágios dos processos fotográficos, desde a introdução ao equipamento fotográfico, até a pós produção, passando pelas técnicas de iluminação e pela especificidade de duas grandes áreas da fotografia, a fotografia publicitária e a fotografia documental (IFRS, 2019, p.19).

No contexto da EPT, no momento, a oferta de cursos na área de fotografia ainda é incipiente. Todavia, no âmbito do IFRS há o Núcleo da Memória (NuMem/IFRS), o qual consiste num espaço institucional na internet, o qual é interativo e permanente, onde são desenvolvidas ferramentas, mecanismos e projetos para a preservação e salvaguarda da memória institucional de forma sistemática e permanente. Conforme o Regulamento do NuMem/IFRS, entre as suas atribuições, destacamos:

Art.6º São áreas de atuação do NuMem/IFRS:

I - Educação para cultura da memória e da história (projetos de educação, ações de capacitação, projetos de extensão, ensino, história oral, etc.).

II - Acervo: catalogação, digitalização, registro e salvaguarda do acervo (documental, fotográfico, audiovisual, bens móveis e imóveis, doações etc.).

III - Difusão: ações de divulgação que contemplem publicações, acervo virtual e acervo material (IFRS, 2021, p.5).

Com base em tais premissas, elaboramos o presente documento a fim de subsidiarmos o planejamento e organização de acervos fotográficos, em particular, digitais, nos diferentes contextos da EPT.



Para saber mais:

ÁGUEDA, Abílio Afonso da. **O fotógrafo Lambe-Lambe: guardião da memória e cronista visual de uma comunidade.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Rio de Janeiro. 2008

CATANEO, Caroline. **Implementação de um núcleo de memória: como desenvolver projetos e ações em memória e identidade institucional.** Porto Alegre: 2020. Disponível em: https://memoria.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2020/07/Implementa%C3%A7%C3%A3o-de-um-N%C3%BAcleo-de-Mem%C3%B3ria_compressed.pdf Acesso em 20 março de 2021.

FABRIS, Annateresa (Org). **Fotografia: Usos e Funções no século XIX.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FARIAS, Lidia; GONÇALVES, Osmar. A Fotografia ao Longo do Tempo: da Kodak ao Instagram. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa/PB. 15 a 17/05/2014. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1656-1.pdf>. Acesso em 20 abr. 2020.

FONTCUBERTA, Joan. **A câmera de pandora.** A fotografia depois da fotografia. Barcelona: Gustavo Gili, 2012.

IFRS. **Núcleo de Memória do IFRS.** Disponível em: <https://memoria.ifrs.edu.br/o-nucleo/> Acesso 20 de abr. de 2021

IFRS. **Projeto pedagógico do curso Técnico em Processos Fotográficos**. IFRS - Campus Alvorada. 2019. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/alvorada/wp-content/uploads/sites/17/2020/01/PPC-Processos-Fotograficos-versao-2019-resolucao-18.pdf> Acesso em 20 de abr. de 2021.

IFRS. **Regulamento Geral do Núcleo de Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul NuMem/IFRS**. 2021. Disponível em: https://memoria.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2021/03/Regulamento-NuMem_IFRS.pdf Acesso em abr. de 2021

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LE GOFF, Jack. Documento Monumento. In: **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 1996.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM - SP. **Lambe-lambe: fotógrafos de rua em São Paulo nos anos 1970**. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/exhibit/lambe-lambe-fotografos-de-rua-em-sao-paulo-nos-anos-1970/EQKiczTDBudLLw> Acesso em 20 de junho de 2021.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. **Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910-1930): imagens e imprensa**. Pelotas, 2012.

ZAGO, L. F., GUIZZO, B. S., & PEREIRA, E. S. (2018). Pedagogoselfies: os significados do corpo e da imagem na produção de autorretratos entre jovens meninas. **ETD - Educação Temática Digital**, 20(4), 1096-1116. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v20i4.8650314> Acesso em 20 ago. 2020.



PREPARANDO AS LENTES

POR ONDE COMEÇAR?

Para iniciarmos a organização do acervo é importante defini-
mos o que procuramos salvaguardar.

Qual a temática principal do nosso acervo?

Um momento da instituição, um núcleo de ações afirmativas, um curso, um evento específico recorrente ou não, entre outras temáticas que podem ser escolhidas.

Qual o período que iremos abranger em nosso acervo?

Como já vimos, com a advento da fotografia digital houve a difusão do ato de fotografar o que nos possibilita encontrarmos milhares de imagens e para conseguirmos organizar o acervo é importante definirmos de qual período iremos buscar as imagens. Essa definição é realizada após a definição da temática do acervo.

“

[A] fotografia é reprodução e representação. Reprodução, pois a fotografia capta uma cena que é reproduzida; representação, porque tal cena é uma escolha e, dessa forma, relaciona-se a uma série de escolhas que levam ao seu resultado final (OLIVEIRA, 2012, p. 37).

”

A fotografia é uma estratégia importante para o registro de nossas memórias.

Vejamos o que é memória:

“

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades (POLLAK, 1989, p.7).

”



A temática da memória representou, a partir da segunda metade do século XX, um importante objeto de estudo no qual a subjetividade e a questão singular do indivíduo passaram a ser valorizadas pelas Ciências Humanas. Pois as questões referentes às representações sociais da realidade ganham importância não apenas para compreender os fatos históricos, mas principalmente, para conhecer os agentes da memória que a produziram.

O estudos de Halbwachs (1990) contribuíram decisivamente para a compreensão da memória dos grupos sociais, pois para o autor a memória é composta de aspectos coletivos pela interação que os indivíduos têm com a sociedade que o cerca. Desta forma, as memórias individuais são uma fusão das experiências coletivas. A memória coletiva, para o autor, tem uma importante função ao contribuir para a formação do sentimento de pertencimento a um grupo de passado comum, no qual compartilham memórias. Garantindo assim um sentimento de identidade do indivíduo com o grupo.

Segundo Pollak, a memória coletiva “é um fenômeno construído” (POLLAK, 1992, p.4) pelo grupo para salvaguardar questões do passado que os uniu e os diferencia dos demais, como também, de reforçar o sentimento de pertencimento a este grupo.



O procedimento de organizar o que deve ser lembrado passa pelo processo de enquadramento dessa memória, em que se busca a coesão interna como também “um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização” (POLLAK, 1992, p.7). O enquadramento da memória coletiva mostra-nos o surgimento de uma identidade que pertence ao grupo, pois segundo Pollak, a memória é um elemento importante para construção da identidade individual e coletiva por trazer o sentimento de continuidade e coerência na construção e reconstrução de si.



Para Pollak a construção da identidade refere-se a uma “imagem de si, para si e para os outros” (POLLAK, 1992, p.5), pois este é um fenômeno que se produz em função ao outro e aos critérios de “aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade” (POLLAK, 1992, p.5) que estão em constante negociação.

E no contexto da EPT porque é importante a preservação da memória?

“

Pode ser um elemento pedagógico importante de coesão e de aglutinação de esforços o desenvolvimento consensual de um projeto de resgate da escola como um lugar de memória, das lembranças de seus personagens e momentos mais expressivos. Documentos dispersos, preservados na história particular de muitos, fotografias, livros, papéis e objetos guardados com zelo e nostalgia podem alimentar a perspectiva de uma escola e de uma formação integrada e mais completa para os mais jovens, em reconhecimento e orgulho de si mesmos como mestres (CIAVATTA, 2005, p.13-14).

”

Agora, que já temos a temática e o período do nosso acervo definidos, precisamos buscar o acesso às imagens a partir das definições já elaboradas. Essas imagens estão espalhadas em arquivos particulares (ex-alunos, alunos, servidores, ex-servidores, comunidade local), no setor de Comunicação da Instituição, nos núcleos de ações afirmativas; ou públicos, como nas redes sociais (da instituição, dos cursos, dos núcleos de ações afirmativas, projetos de ensino, pesquisa e extensão), do site da instituição, imprensa local e regional. Dessa forma, a partir da nossa temática iremos definir:

Quais dessas fontes conseguirão suprir o que buscamos? Como acessar as fotografias?

Primeiramente é importante entrar em contato com os detentores das imagens e expor o que se pretende realizar e solicitar o acesso, esse contato pode ser feito através de email institucional ou pessoal, telefone, e outras formas de contato no qual a tecnologia vem ampliando diariamente.

A partir do acesso às imagens e da autorização do uso para formação do acervo precisamos verificar qual o formato dessas fotografias e como arquivá-las para a formação do acervo.

Segundo o Arquivo Nacional o arquivamento é a “Sequência de operações intelectuais e físicas que visam à guarda ordenada de documentos” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 26).

Qual o formato das fotografias?

Se o acervo que tiver acesso for de imagens digitais, ou seja, fotografias tiradas em câmeras digitais, o procedimento inicial é a organização em pastas por data ou evento para facilitar a catalogação e o armazenamento.

Se as imagens forem analógicas, isso quer dizer estarem em suporte físico, deve-se digitalizar as imagens, no qual consiste no “Processo de conversão de um documento para o formato digital, por meio de dispositivo apropriado” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 69).

Digitalização

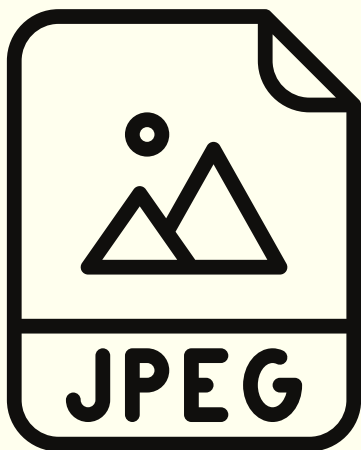
A digitalização de documentos/imagens é um processo de conversão de arquivos físicos para o formato digital, é realizada através de uma escâner que possibilita a digitalização das imagens.



A captura corresponde a conversão de uma fotografia em suporte físico para imagem em formato digital, deve ser analisada a qualidade da digitalização a fim de verificar a fidelidade em relação à imagem original.

Ao realizar a digitalização devemos ter alguns cuidados: digitalizar a imagem na íntegra (sem cortes) a fim de preservar o conteúdo, qualidade de resolução da imagem digital, escala de cores procurando ser o mais fidedigno, formato do arquivo que possibilite acesso e compatibilidade com os programas mais acessíveis.

Com diversos formatos de imagem, muitas vezes é difícil definir qual é o melhor para cada uso. Cada formato tem características próprias, sendo indicadas para situações diferentes.



O JPEG é mais utilizado na web por seu pequeno tamanho, o que faz com que ele seja muito utilizado nas páginas de internet por conseguir comprimir o tamanho das imagens, porém para que isso ocorra este formato diminui a qualidade dessas imagens. Não é um formato indicado para quem precisa de alta definição e fidelidade em detalhes.

O formato PNG é mais versátil e recomendado para obter uma maior qualidade visto que foi desenvolvido para suprir as limitações referentes ao suporte de cores e qualidade. O PNG suporta milhões de cores sendo uma ótima opção para fotos.



Após o processo de digitalização é importante conferir a imagem digitalizada para assegurar a fidelidade à imagem original. Caso o arquivo digital não atenda às questões apresentadas deve-se realizar novamente a digitalização ajustando as configurações até que atinja o padrão esperado. Realizada a conferência, estas imagens deverão ser identificadas com legenda contendo informações como: data, evento, lugar, pessoas que estão representadas e arquivadas em pastas por data/evento em local apropriado para manter o acesso e suporte para visualizar estes registros.

Lembramos que a digitalização das imagens, além de possibilitar o uso em meios digitais, preserva os documentos por proporcionar diversas formas de meios de salvar e arquivar esses registros, Além disso, busca a preservação dos originais no qual devem ser guardados de modo a protegê-los.

“

Preservação Digital [é o] Conjunto de ações gerenciais e técnicas exigidas para superar as mudanças tecnológicas e a fragilidade dos suportes, garantindo o acesso e a interpretação de documentos digitais pelo tempo que for necessário (CONARQ, 2009, p.19).

”

Onde salvar?

No que se refere ao armazenamento das fotografias digitais e/ou digitalizadas, existem várias maneiras de salvar essas imagens como a utilização de HD, sistema de armazenamento em nuvem, cartão de memória.



Lembramos que os dispositivos físicos podem sofrer danos e não impedirem o acesso futuro aos dados, de mesmo modo, devemos ter cuidado ao usar o armazenamento em nuvem.

O principal deles é nunca usar conta pessoal para armazenar as fotografias, pois esses arquivos são institucionais e não podem ficar restritos a apenas o acesso de um usuário, lembremos que estamos propondo a preservação da memória e ao limitarmos o acesso estamos pondo em risco esse acervo e a memória institucional contida neles.

Sempre devemos usar contas institucionais para garantirmos o acesso e se possível salvar em mais de um local. Caso a instituição tenha um sistema de arquivo digital pode solicitar que as imagens resgatadas e organizadas sejam armazenadas para a salvaguarda do acervo.



Como organizar?

Sugerimos a utilização da planilha elaborada por Oliveira (2014), conforme tabela 1, no qual trazemos como suporte para organização dos dados encontrados, a fim de facilitar a busca por dados que hoje encontram-se espalhados.

Tabela 1: Planilha para fins de catalogação de acervo fotográfico

Número	Tipo de imagem	Temática	Data	Legenda

Fonte: Oliveira (2014)

Devido ao grande número de imagens proporcionado pelas câmeras digitais, é importante que seja atribuído número a cada fotografia

“Entendemos por numeração a atribuição de um número a cada espécie fotográfica de uma coleção [...] instituições como arquivos e museus têm absoluta necessidade de numerar as suas coleções, por questões de segurança, de inventário e de organização espacial. Nestes casos, a numeração também é fundamental para a informatização, para a indexação de informação e para a referência dos próprios leitores (PAVÃO, 1997, p. 271).

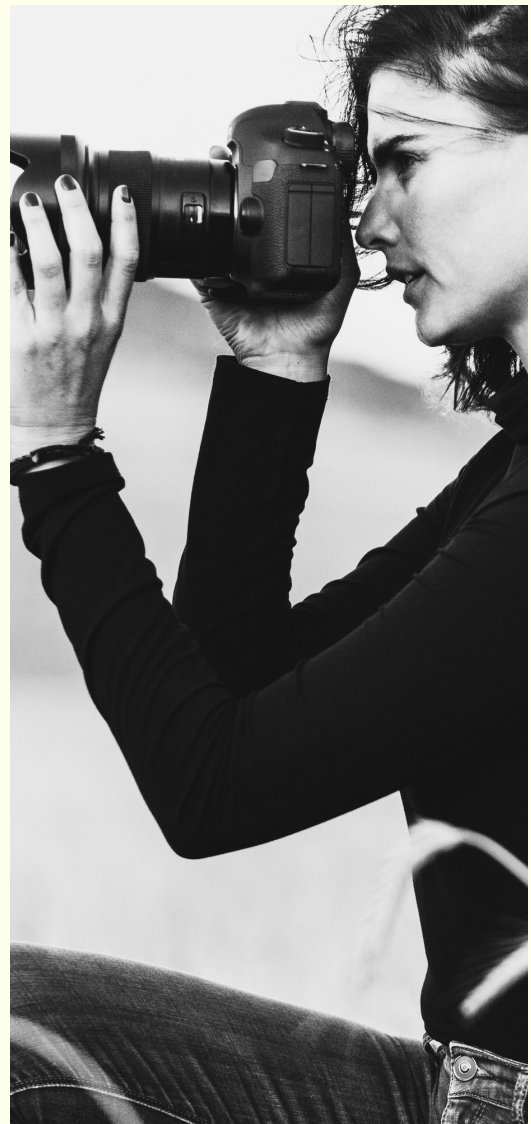
”

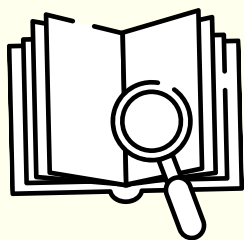
Para melhor filtrar as informações sugere-se que defina algumas temáticas principais para a coleção de imagens que está trabalhando, como: evento, formatura, cotidiano escolar, espaço escolar, entre outros que poderá definir. Outro elemento importante para contextualizar a imagem é a referência de data e local em que essa imagem foi capturada.

Com relação a escrita da legenda, Pavão (1997, p.278) nos traz que “A legenda deve descrever, com a brevidade possível, a imagem na sua globalidade. A legenda não deve ir até à descrição minuciosa do pormenor”.

Um dado importante, porém que muitas vezes não temos acesso, é referente ao autor das imagens. Compreendemos que o olhar do fotógrafo não é isento, pois ao selecionar o enquadramento estamos selecionando o que iremos registrar, dessa forma, sempre que possível é importante identificarmos quem tirou a fotografia, qual o vínculo com a instituição (servidor, bolsista, estudante, entre outras possibilidades).

Outros elementos que não se encaixam nos itens da planilha como formato do arquivo, nome das pessoas que estão na imagem, nome do evento e todas as informações que julgar pertinentes podem ser adicionadas à planilha em uma coluna de observações.





Para saber mais:

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf
Acesso em 16 de abril de 2021.

ClAVATTA, Maria. **A FORMAÇÃO INTEGRADA**: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. Trabalho necessário, ano 3, n.3, 2005.

CONARQ. Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos. CTDE. **Glossário**: Versão 5.0. Agosto de 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. Imagens de trabalhos manuais na Primeira República: representações da educação feminina. In: **XI Encontro Estadual de História: história, memória e patrimônio**, 2012, Rio Grande. Anais do XI Encontro Estadual de História do Rio Grande do Sul: história, memória e patrimônio. Rio Grande: Editora da FURG, 2012. p. 698-708.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. **Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910 - 1930)**: imagens e imprensa. Pelotas, 2012.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. Acervos escolares e história das instituições educacionais: o caso da Escola Estadual General Osório/RS. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 154-174, jan./jun. 2014.

PAVÃO, L. **Conservação de Coleções de Fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 1997.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-2012.

REVELANDO AS DESCOBERTAS

ESTRATÉGIAS PARA A MANUTENÇÃO E DIVULGAÇÃO DO ACERVO DIGITAL

Na atualidade, apesar da amplitude de imagens disponibilizadas na internet, tanto a produção quanto a veiculação dependem de consentimento e autorização dos sujeitos na sua produção. Logo, apresentamos alguns critérios que deverão ser observados na organização de um acervo digital.

- **DIREITOS DE IMAGEM**

O direito à imagem é resguardado pelo artigo 5º, inciso X, da Constituição Federal, lei no qual dispõe os direitos e garantias básicas e prevê a violação do direito à imagem.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...]

X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação (BRASIL,1988).

O Direito Civil também estipula o direito à imagem e o classifica como direito à personalidade, isso é, o direito que a pessoa tem sobre sua forma física no qual a individualizam na sociedade. Se o uso indevido afetar sua reputação, boa reputação, respeito ou para fins comerciais, o documento acima proíbe a exposição não autorizada ou o uso da imagem de alguém.

Art. 20. Salvo se auto-
rizadas, ou se necessárias à
administração da justiça ou à
manutenção da ordem
pública, a divulgação de
escritos, a transmissão da
palavra, ou a publicação, a
exposição ou a utilização da
imagem de uma pessoa
poderão ser proibidas, a seu
requerimento e sem prejuízo
da indenização que couber, se
lhes atingirem a honra, a boa
fama ou a respeitabilidade,
ou se se destinarem a fins
comerciais (BRASIL, 2002).



- **DIREITOS AUTORAIS DE IMAGEM**

As fotografias possuem direitos autorais nos quais definem que o autor das imagens detém a propriedade desses registros.

“

Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais: III - a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra (BRASIL, 1998).

”

- **DÊ OS CRÉDITOS!**

É necessário indicar os créditos da foto ao autor, mesmo se tiver obtido autorização expressa do autor/a para utilizá-la. Não esqueça de mencionar quem é o autor/a! Caso contrário, ficará implícito que você está assumindo a autoria dessa fotografia.

“

Art. 79.

§ 1º A fotografia, quando utilizada por terceiros, indicará de forma legível o nome do seu autor (BRASIL, 1998).

”

Lembre-se que atribuir o crédito não te desobriga de pedir autorização!

• PEÇA AUTORIZAÇÃO!

Entre em contato com quem irá lhe fornecer as imagens, explique para que fim deseja ter acesso às fotografias e como pretende divulgá-las. Caso as imagens sejam de acervo institucional, é a instituição que deverá autorizar o uso das imagens. Se for utilizar imagens de outras fontes, lembre-se de pedir a autorização do uso das imagens para fins de pesquisa a quem deter a propriedade destas.

IMPORTANTE!

As imagens utilizadas ao longo do Guia que não possuem indicação de fonte são de acesso livre na plataforma Canva. Não há indicação de autoria das imagens na plataforma.

Dessa forma, a fonte das imagens utilizadas é Plataforma Canva for Education.



DEFINA OS SEUS CANAIS DE DIVULGAÇÃO

SITE

A instituição de ensino possui um canal de divulgação online que corresponde ao site institucional, nesse site há um campo que conta parte da história da instituição, projetos, atividades. Poderá pedir autorização para publicar parte do acervo selecionado, ou de algum material elaborado através do acervo fotográfico. Outra forma de divulgar é compartilhar as imagens através da página do NuMem.

BLOG

É o canal no qual você pode desenvolver os conteúdos de interesse, é uma forma de divulgar a pesquisa realizada. Você poderá usar da criatividade para suas publicações, podendo postar linhas do tempo, as fotografias, textos que contextualizam as imagens.

REDES SOCIAIS

Facebook, Instagram e Twitter são as redes mais usadas atualmente. Aproveite-as para interagir e publicizar seu acervo. As redes sociais tem um ótimo alcance de público.



APRESENTAÇÃO EM EVENTO CIENTÍFICO

Há diversos eventos científicos, como Mostras Científicas, em diversas instituições nas quais poderá se inscrever e divulgar o acervo e a pesquisa realizada.

FOTOLIVRO DIGITAL

É um modelo moderno de álbum, o fotolivro é um tipo particular de livro fotográfico, que possibilita juntar diversas imagens de modo criativo, podendo organizar aquelas fotos que estavam lá perdidas dentro de pastas em seu computador. Esses fotolivros podem ser impressos ou digitais.



Para saber mais:

BRASIL. (Constituição 1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 23 de jan. 2021.

BRASIL. **LEI 9610, de 19 de fevereiro de 1998**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm Acesso em 23 de jan. de 2021.

BRASIL. (Código Civil). **Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002**.

CAGLIARI, Angela Zanotelli. **Roteiros possíveis**: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica. Produto Educacional (Mestrado). Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. Porto Alegre, 2020. Disponível em <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/553944>. Acesso em 04 out.2020.

CURY JÚNIOR, David. **A proteção jurídica da imagem da criança e do adolescente**. Doutorado em direito. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo – 2006.

WOLNIEWICZ, Eveline Boppré Besen. **Exposição fotográfica “O trabalho dos TAE em imagens e textos”**: intervenção por meio da imagem fotográfica. Florianópolis, SC: IFSC, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/552589/2/O%20trabalho%20dos%20TAE%20em%20imagens%20e%20textos.pdf> Acesso em 10 dez. de 2020.

MEMÓRIAS DA EPT (RE)PRODUZIDAS EM ACERVOS DIGITAIS

IDEIAS PARA INSPIRAR

Conforme citamos anteriormente, as fotografias digitais se constituem enquanto artefatos culturais e, ao mesmo tempo, instrumentos importantes tanto para o registro quanto para o das memórias individuais e coletivas. No cenário atual, o interesse por imagens impressas em papel diminui na medida em que crescem o estímulo e o acesso aos registros obtidos através das novas tecnologias. Observamos que a difusão e a popularização dos dispositivos digitais, como os aplicativos desenvolvidos para os computadores e smartphones, impulsionaram a propagação das imagens fotográficas. O modo de se comunicar utilizando imagens capturadas pelas câmeras destes aparelhos e divulgadas através das redes sociais têm sido uma prática utilizada pelos jovens no qual cada vez mais tem valorizado a comunicação através da linguagem visual.

Ao mesmo tempo em que a tecnologia disponibiliza imensuráveis imagens nos traz um desafio

O uso da imagem como documento histórico é um dos desafios mais inquietantes para a pesquisa em educação. Como fonte documental, como forma de conhecimento do mundo, guardiã da memória e elo de coesão de identidades, como representação da realidade, como elemento fundamental das artes visuais ou como produção cultural advinda do trabalho humano, a imagem participa de um universo sedutor e ambíguo de onde podem ser depreendidos múltiplos significados. Todo o processo de produção da imagem, de sua apropriação, preservação e utilização, de sua observação e interpretação é permeado por elementos ideológicos da concepção de realidade e da visão de mundo de cada um dos sujeitos envolvidos. A imagem é sempre parte do pensamento, da linguagem, da cultura e da história vivenciada e expressa por cada um deles, salva nos vestígios de algum tempo e lugar. Como instrumento de educação do olhar e da consciência, a fotografia é contemporânea de uma visão estética do mundo, por oposição a um olhar racionalista e ético que acompanhou os tempos modernos e moldou o campo educacional. É nesse espaço fascinante e movediço, tanto o da história dos homens como o das linguagens, dos discursos e das interpretações que eles constroem, que se move esse tema de estudo (CIAVATTA, 2012, p.36).

A temática da preservação digital da memória decorre da predominância do próprio uso de eletrônicos no nosso cotidiano em diversos aspectos da vida. Através da fotografia podemos perceber as constâncias e transformações sociais, identificar os laços de pertencimento a um grupo étnico, a uma comunidade, reconhecer seus vínculos ou o que nos difere. O uso da fotografia para além da mera ilustração nos proporciona analisar esse elemento através de diferentes olhares, percebermos os significados e sentidos que estão contidos nesses registros. Dessa forma, o uso da fotografia.

“

remete-nos a dois campos importantes em nossas considerações: o papel da nova História Cultural na promoção do diálogo entre as práticas do olhar - historicizando a produção, circulação e significação das imagens - e as práticas escolares - produzindo novos sentidos em fotografias para ou sobre a escola (BARROS, 1999, p. 22).

”

Observamos que o fenômeno da revolução digital no qual democratizou o acesso aos dispositivos digitais trouxe como característica um imensurável número de registros fotográficos mas ao mesmo tempo a dispersão destes entre os diversos atores. Essa fragmentação do acervo e conseqüentemente da memória institucional causada pela pulverização das imagens em aparelhos diversos demonstra a fragilidade desses documentos diante da obsolescência dos equipamentos como da incipiente experiência de preservação o que muitas vezes, acaba por perdemos grande parte destes documentos/imagens.

A fim de inspirar a organização de acervos e promover o res-gate das memórias institucionais, listamos alguns repositórios disponibilizados de forma gratuita na internet, os quais contam um pouco da trajetória da EPT no contexto educacional brasileiro e, em particular, no âmbito da rede federal.

Portal da Memória
INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Você está aqui: Página Inicial

Centenário do IFRN 1909 - 2009

Navegação

- Página Inicial**
- Cronologia
- Acervo documental
- Ex-diretores
- Exposições Virtuais
- Eventos comemorativos
- Atos e Fatos
- Mensagens do centenário
- Colegiados Superiores
- Galeria de Fotos
- Vídeos

Sobre o site

O Portal da Memória resultou do Projeto "CEFET-RN a caminho do Centenário", iniciado em 2006 pela equipe de Comunicação Social da Unidade Sede - Natal. Sua finalidade é compartilhar a memória do IFRN, instituição centenária, criada em 1909, como Escola de Aprendizes Artífices de Natal. Contato: arquivo.cnat@ifrn.edu.br.

Destaque

Eventos

101 anos do IFRN

Cronologia

O CEFET-RN é transformado em Instituto Federal
A Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, transforma os Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica em Institutos Federais de Educação, Ciência e...

Depoimentos

Dante Henrique Moura

Atos e Fatos

Reinauguração do Prédio da Avenida Rio Branco
A reinauguração do prédio localizado à Avenida Rio Branco, n.º 753, onde funcionou durante 53 anos a antiga Escola Industrial de Natal, foi o ponto...

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte | Reitoria
Rua Dr. Nilo Bezerre Ramalho, 1692, Tirol, Natal-RN, CEP: 59015-300
Fone/Fax: +55 (84) 4005-2600 / 4005-2694

Mapa do Site | Acessibilidade | Contato

Fonte: IFRN



Acesse a página do Portal da Memória do IFRN pelo QR code ou pelo link:

<https://centenario.ifrn.edu.br/>



Álbuns

Favoritos

Exposições

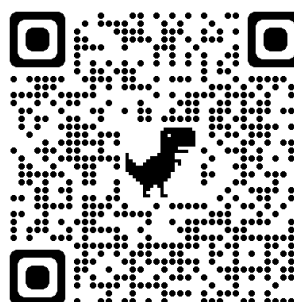
Grupos



Fonte: IFRN Campus Natal Central

Acesse a página do Arquivo Geral do IFRN Campus Natal Central pelo QR code ou pelo link:

<https://www.flickr.com/photos/arquivocampusnatalcentral>





CENTRO DE MEMÓRIA

SOBRE O CENTRO
O Centro de Memória é um projeto institucional da Pró-Reitoria de Extensão do IFMG

CONTATO
Pró-Reitoria de Extensão
Avenida Professor Mário Werneck, 2590 – Bairro Buritis
Belo Horizonte / MG
Telefone: 31 2513 5291

CONHEÇA O IFMG

INSTITUTO FEDERAL Minas Gerais

f t i

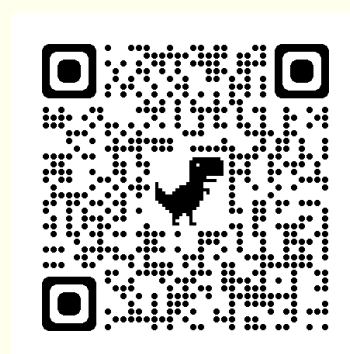
Copyright © 2021 CENTRO DE MEMORIA | Centro de Extensão



Muitas pessoas desenvolvem uma íntima relação com instituições das quais fazem parte, percebem que são componentes de algo maior e que contribuíram de alguma maneira para a formação destes locais. Enfim, desenvolvem um sentimento de pertencimento (IFMG, Centro de Memória IFMG).

Acesse a página do Centro de Memória do IFMG pelo QR code ou pelo link:

<https://memoria.ifmg.edu.br/centro-de-memoria/>



Fonte: IFMG

Ir para o conteúdo Ir para o menu Ir para a busca Ir para o rodapé

ACESSIBILIDADE ALTO CONTRASTE MAPA DO SITE

INSTITUTO FEDERAL DO SUL DE MINAS GERAIS
Campus Muzambinho
 Ministério da Educação

Buscar no portal

Twitter YouTube Facebook Instagram RSS

Início Contato Eventos Comunicação Webmail Ouvidoria

PÁGINA INICIAL > SETORES > CENTRO DE MEMÓRIAS

CAMPUS SOBRE O CAMPUS LOCALIZAÇÃO DIREÇÃO COORDENADORIAS SETORES CORPO DOCENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS


INSTITUTO FEDERAL
 Sul de Minas Gerais
 Campus Muzambinho


Pesquisa de Egressos
 Preencha nosso formulário. Será ótimo ter notícias suas!

Centro de Memórias

Publicado: Quarta, 26 de Junho de 2019, 17h41 | Última atualização em Terça, 11 de Maio de 2021, 16h43

[HISTÓRIA DO CAMPUS](#) | [VÍDEO ESPECIAL](#) | [O CENTRO DE MEMÓRIAS](#) | [PRÉDIOS HISTÓRICOS](#)
[ACERVO FOTOGRÁFICO](#) | [COMPETÊNCIAS](#) | [RELATOS DE EGRESSO](#) | [CONTATO](#)

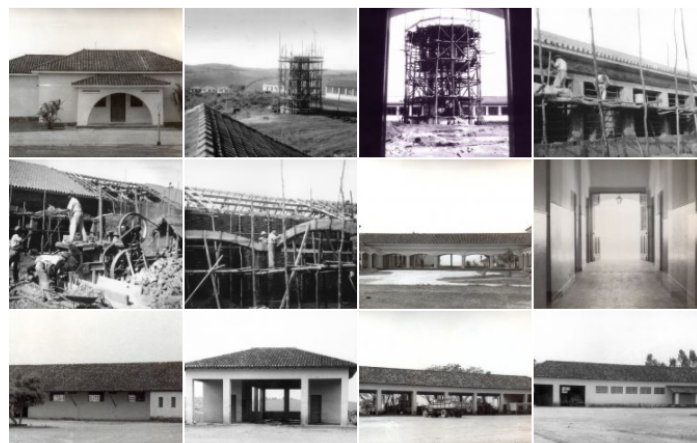
[Página inicial](#)
[Vestibular](#)
[Prêmios e Destaques](#)
[Relatórios de Gestão](#)
[Portal do Aluno](#)
[Portal do Servidor](#)
[Prêmio SEEDS](#)
[Concursos](#)

O PRÉDIO H

O Prédio Pedagógico H do IFSULDEMINAS - Campus Muzambinho

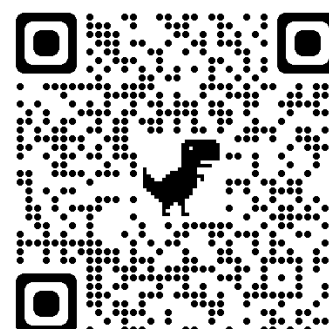
ACERVO FOTOGRÁFICO (Em construção)

Construção da Escola Agrotécnica



Fonte: IF Sul de Minas

Acesse a página do Centro de Memórias do IF Sul de Minas Campus Muzambinho pelo QR code ou pelo link: <https://www.muz.ifsuldeminas.edu.br/setores/2270-centro-de-memoria>





Inauguração da Vinícola-Escola (1979) do Colégio Viticultura e Enologia – atual Campus Bento Gonçalves

Foto: NuMem IFRS - Campus Bento Gonçalves

Linha do Tempo

1909	1916	1934	1937	1953	1954	1957	1958	1959	1960	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
1973	1979	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1991	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
2001	2002	2003	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
							2019	2020	2021							

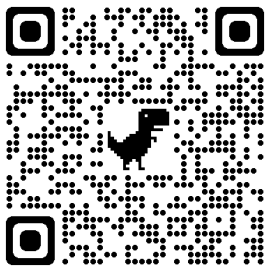
26 DE NOVEMBRO

Início da Educação Profissional e da Escola de Comércio de Porto Alegre

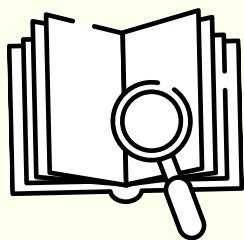
Em 2018, ano em que os Institutos Federais completaram 10 anos de existência, o Campus Porto Alegre celebrou seus 109 anos. Uma instituição jovem, mas que traz consigo uma herança...

Campus Porto Alegre

Fonte: IFRS Núcleo de Memória



Acesse a página do Núcleo do Memória do IFRS pelo QR code ou pelo link: <https://memoria.ifrs.edu.br/>



Para saber mais:

BARROS, Armando Martins de. **Tratamento das imagens na formação do pedagogo**. Comunicação & Educação, São Paulo, [15]: 21 a 28, maio/ago. 1999. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/552589/2/O%20trabalho%20dos%20TAE%20em%20imagens%20e%20textos.pdf> Acesso em 10 dez. de 2020.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. [2005] In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Marise; RAMOS, Maria (orgs.). **Ensino Médio Integrado - Concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 3a ed., p.83-106, 2012.

IFMG, **Centro de Memória IFMG**. Disponível em: <https://memoria.ifmg.edu.br/centro-de-memoria/> Acesso em: 20 jun. de 2021.

GLOSSÁRIO

Arquivamento

Sequência de operações intelectuais e físicas que visam à guarda ordenada de documentos (CONARQ, 2008, p.4).

Arquivo

Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte (CONARQ, 2008, p.4).

Arquivo digital

Conjunto de bits que formam uma unidade lógica interpretável por um programa de computador e armazenada em suporte apropriado (CONARQ, 2008, p.4).

Arquivo iconográfico

1. Organização, departamento ou unidade, de natureza pública ou privada, dedicado ao tratamento técnico, preservação e acesso aos documentos iconográficos. 2. Conjunto de documentos iconográficos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades (CONARQ, 2018, p.6).

Conversão

Conversão de um formato para outro motivada, principalmente, pela normalização de formatos e para contornar a obsolescência tecnológica (CONARQ, 2016, p.17).

Cartão de memória:

Sistema utilizado pela maioria das câmeras digitais para armazenar imagens. Ao contrário do cartão de memória para computador, esse cartão preserva os dados mesmo sem eletricidade. Três tipos principais de cartões de memória são utilizados atualmente: CompactFlash, SmartMedia e Memory Sticks (PAVAN, 2013).

Digitalização

Processo de conversão de um documento para o formato digital, por meio de dispositivo apropriado (CONARQ, 2016, p.23).

Documento iconográfico

Gênero documental integrado por documentos constituídos de imagens fixas (CONARQ, 2018, p.13).

Flash automático

Sistema de flash que define automaticamente se a imagem requer flash e fornece a quantidade correta de luz; um recurso comum na maioria das câmeras digitais (PAVAN, 2013).

Fotografia

Imagem produzida pela ação da luz sobre uma superfície sensível e fixada por ação química (CONARQ, 2018, p.16).

Fotografia digital

Imagem obtida por processo eletrônico, por meio de CCD (charge-coupled device), sensor interno das câmeras digitais. A qualidade de resolução da imagem depende do tamanho e número de células do CCD, expressos em pixels (Picture e Element) (CONARQ, 2018, p.16).

Megapixel

Número de pixels por polegada que uma câmera digital pode produzir em uma imagem; um megapixel é igual a 1.000 pixels por polegada. Quanto maior o valor de megapixels, maior será a resolução da imagem (PAVAN, 2013).

Patrimônio Digital

Conjunto de objetos digitais que possuem valor suficiente para serem conservados, a fim de que possam ser consultados e utilizados no futuro (CONARQ, 2016, p.39).

Pixel

Um único ponto em uma foto digital. Uma fotografia comum é composta por milhares de pixels (PAVAN, 2013).

Preservação Digital

Conjunto de ações gerenciais e técnicas exigidas para superar as mudanças tecnológicas e a fragilidade dos suportes, garantindo o acesso e a interpretação de documentos digitais pelo tempo que for necessário (CONARQ, 2016, p.39).

Redimensionamento

Alteração das dimensões da imagem (medida em pixels) para torná-la maior ou menor (PAVAN, 2013).

Resolução

Em termos de câmeras digitais, a resolução costuma ser calculada como a dimensão da imagem medida em pixels (PAVAN, 2013).

Zoom digital

Recurso que amplia o objeto na imagem para preencher uma parte maior do quadro; usar o zoom digital reduz a resolução da imagem (PAVAN, 2013).

Zoom óptico

Recurso que altera a distância focal da câmera, preenchendo uma área maior do quadro com o objeto (Pavan, 2013).



Para saber mais:

CONARQ. Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais. **GLOSSÁRIO** v. 3, 2018.

CONARQ. Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos. CTDE. **Glossário:** Versão 4.0. Julho de 2008.

CONARQ. Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos. CTDE. **Glossário:** Versão 5.0. Agosto de 2009.

CONARQ. **Glossário Documentos Arquivísticos Digitais.** 7ª Versão. 2016.

OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Glossário.** Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/glossario/ Acesso em 03 de junho de 2021.

PAVAN, Marcus Vinicius. **Fique por dentro com os principais e mais importantes termos da Fotografia Digital (Dicionário).** 2013. Disponível em: <http://www.mvpavan.com.br/blog/2013/11/07/principais-e-mais-importantes-terminos-da-fotografia-digital-dicionario/> Acesso em 20 de maio de 2021.



**PARA
RELEMBRAR**

Para organizar

Acervo de fotografias

COMO INICIAR?

Qual a temática principal do acervo?

Podemos escolher um núcleo, um curso, uma turma, evento.

Qual o período abrangido pelo acervo?

Lembremos que com as fotografias digitais temos que definir os limites da pesquisa, pois há inúmeras imagens disponíveis.

FONTES

Quais fontes conseguirão suprir o que buscamos? Servidores, estudantes, egressos, comunidade externa, imprensa, entre outros.

Como acessar as fotografias?

Expor o que se pretende realizar e solicitar o acesso aos detentores das imagens.

FORMATO DAS IMAGENS

Digitais: o procedimento inicial é a organização em pastas por data ou evento.
Analógicas: fotografias em suporte físico, deve-se digitalizar as imagens e após proceder com a organização. Lembre-se se salvar em PNG!

ONDE DIVULGAR?

Para divulgação das ações podemos utilizar as redes sociais, blogs, inclusão no site institucional, eventos, fotolivro.

COMO ORGANIZAR?

Catalogar os dados das imagens em planilha com os dados pertinentes. As informações serão importantes para elaboração de futuras atividades.

DIGITALIZAÇÃO DE DOCUMENTOS

1

PREPARAÇÃO

Organizar as fotografias que deseja digitalizar, retirar de dentro de álbuns, cuidando para não danificar a fotografia, que contenham plastificação

3

CONFERÊNCIA

Revisar as imagens a fim de verificar a qualidade do arquivo produzido.

5

ARQUIVAMENTO

Arquivar em pastas em local apropriado para manter o acesso e suporte para visualizar estes registros

2

CAPTURA DA IMAGEM

Capturar as imagem com auxílio de um escaner a fim de gerar uma imagem digital. Ajustar as configurações para uma captura com qualidade e precisão.

4

ORGANIZAÇÃO

Identificar as imagens com legendas com referência a data, evento, pessoas que estão representadas, lugar. Sugerimos o preenchimento da planilha de Oliveira (2014).

